

NEM ISTO, NEM AQUILO: O PIBID COMO EXPERIÊNCIA FORMATIVA NA ÁREA DA ALFABETIZAÇÃO

Laura Dominguez Ribeiro¹
Mylene Cristina Santiago²

RESUMO

Este estudo buscou apresentar reflexões sobre a área da alfabetização, partindo de memórias sobre meu processo de alfabetização, em articulação com as atividades desenvolvidas no Programa de Iniciação à Docência (PIBID). O PIBID Alfabetização do curso de Pedagogia da UFJF, foi estruturado em 3 fases: na primeira buscamos conhecer a proposta do programa, estabelecer relações com as supervisoras, responsáveis pelas atividades desenvolvidas nas escolas, em um momento atípico, desencadeado pela pandemia de COVID, que impôs a suspensão das aulas presenciais; no segundo ciclo tivemos a oportunidade de conhecer e aprofundar nosso referencial teórico através de debates sistematizados com a obra “Alfaletrar” de Magda Soares e com a obra “Sistema de Escrita Alfabética” de Artur Gomes de Morais, no terceiro e último ciclo, buscamos desenvolver atividades práticas e sequências didáticas, guiados pelos conhecimentos teóricos adquiridos. Este relato de experiência, demonstra a potencialidade do processo formativo, através das vivências proporcionadas durante o PIBID em tempos de pandemia.

Palavras-chave: PIBID. Alfabetização. Letramento. Formação Docente. Pandemia

“O problema não é o método alfabetização é alfabetizar sem método” Magda Soares

INTRODUÇÃO

[...] tenho que destacar que grande parte da minha dificuldade na alfabetização vinha da fala, por isso fiz um período de fonoaudióloga, porque assim como na escrita, na fala eu tinha diversas dificuldades com “p” e “b”, “f” e “v”, “r” e “s”, “l” e “r”. Essa é uma das poucas memórias que eram anteriores a minha pesquisa, e pude confirmá-la com todos os materiais encontrados. As professoras passavam horas tentando me explicar suas diferenças, mas mesmo assim para mim parecia igual, e sempre ia parar na recuperação. Eu não entendia como eu sempre conseguia um 10 em matemática, ciências e geografia, mas aquele embaralhado me fazia ficar sempre depois da aula. Mal me lembro de como isso tudo aconteceu, a única experiência que me recordo é de ficar após a aula em uma salinha diferente com vários colegas que nem sequer tentavam prestar atenção e eu que dava

¹ Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora - MG, lauradominguezr27@gmail.com

² Professora orientadora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora - MG, mylenesantiago87@gmail.com

meu máximo, e nunca tinha um avanço ou qualquer resultado. Somente quando ganhei meu primeiro livro, e até então, meu livro favorito, "ou isto ou aquilo", da Cecília Meireles, que comecei a ver sentido em tudo aquilo, "o vestido de Laura", me fez viajar num mundo encantado que eu poderia ser a protagonista. Hoje, me deliciau ainda ao ler poemas e mergulhar nesse conto de fadas. Somente assim, sozinha, pude criar o hábito de leitura e avançar para aperfeiçoar minha escrita. (Memórias da autora, atividade PIBID 2021-2022)

O título deste trabalho, “Ou isto, ou aquilo”, faz menção ao livro e poema da Cecília Meireles, que foi importantíssimo no meu desenvolvimento da leitura. Início com esta contextualização para introduzir este trabalho, que visa apresentar uma reflexão acerca das experiências realizadas na área de alfabetização. Este relato apresenta atividades realizadas no período em que atuei no Programa de iniciação à docência (PIBID) e em estágios obrigatórios durante a licenciatura em Pedagogia. Para pensarmos sobre as práticas alfabetizadoras, levaremos em consideração a concepção que:

A escrita alfabética é um sistema notacional, e não um código, e que como nos ensinaram Emília Ferreira e Ana Teberosky, seu aprendizado envolve um complexo trabalho conceitual, que é completamente desconsiderado pelos tais métodos tradicionais de alfabetização. (MORAIS, 2012)

Além disso, destacamos a importância do que Magda Soares denominou como Alfaetrar, buscando anunciar a importância do processo de alfabetização ocorrer de forma articulada com o letramento. Ressaltamos a importância de entendermos a prática alfabetizadora em sua pluralidade, visto que ainda se tem a falsa ideia de uma polarização entre os métodos de alfabetização, enquanto na verdade podemos usar múltiplas formas e estratégias, que levam em consideração as individualidades e particularidades de cada turma e seu contexto inserido.

Este relato de experiência visa apresentar vivências no Programa de Iniciação à Docência - PIBID, no eixo da Alfabetização no período de 2020 a 2021, a partir de uma perspectiva fundamentada nos livros “Alfaetrar: Toda criança pode aprender a ler e a escrever” de Magda Soares e “Sistema de Escrita Alfabética” de Artur Gomes de Moraes.

O PIBID, Programa de Iniciação à Docência, é uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC), que visa proporcionar aos discentes uma aproximação prática, com o cotidiano das escolas públicas de educação básica e com o contexto em que elas estão inseridas. Nosso trabalho foi realizado em duas escolas públicas, uma municipal e outra estadual, ambas no município de Juiz de Fora, com turmas do primeiro ano do Ensino Fundamental, com foco na área da alfabetização.

Devido a pandemia do COVID 19, que em março gerou o cancelamento das atividades presenciais no campus da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), nossa prática foi realizada integralmente de forma remota, com reuniões semanais coletivas, junto com as supervisoras e coordenador/as de área, que juntos e de forma colaborativa, tiveram que ressignificar suas práticas e saberes, de modo a construir uma experiência de aprendizagem e participação para todos os atores envolvidos no PIBID, considerando sobretudo, a impossibilidade de realizar a imersão no espaço escolar.

As atividades desenvolvidas envolveram, rodas de conversas, palestras, leituras de livros e outros materiais, *lives*, participação em grupo de *whatsapp*, divulgação de experiência no instagram, e, realização de aulas remotas envolvendo a supervisora da escola acompanhada e seus respectivos estudantes. Além disso, realizamos leituras de deleites e produções de atas e sequências didáticas.

De forma concomitante, realizei o estágio obrigatório em alfabetização, que aconteceu através de rodas de conversas, com a participação de professoras da educação básica, se constituindo em uma experiência formativa bem enriquecedora. Assim, o presente trabalho se constitui no relato de experiências voltadas para a área de alfabetização, envolvendo diferentes atividades, durante o período de suspensão das aulas presenciais, imposta pela pandemia.

METODOLOGIA

Nossa proposta metodológica se constitui a partir do relato de experiências, de experiências vivenciadas durante minha participação como bolsista do PIBID e estágio obrigatório conectados à temática da alfabetização. Para construir o relato de experiência recorro aos relatórios, atividades, jogos, sala virtual do google e demais produções realizadas durante minha atuação no PIBID e demais espaços educacionais em que tive a oportunidade de refletir sobre alfabetização e letramento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: NARRANDO EXPERIÊNCIAS NA ÁREA DE ALFABETIZAÇÃO

Buscaremos articular experiências vivenciadas no PIBID ao longo de três ciclos, a fim de refletir sobre o processo inicial de professoras, na área de alfabetização, durante o período pandêmico.

CONHECENDO O PIBID

O primeiro encontro do PIBID, aconteceu entre outubro e dezembro de 2020 e foi o que mais me recordo, não poderia ter sido mais especial, refletimos sobre como ocorre a imersão das memórias e ao final eu me recordei da minha infância ao revisitar o poema “o vestido de Laura” da Cecília Meireles, aquele poema me fez debulhar em lágrimas, pois me traz lembranças de uma infância maravilhosa, além desse poema ser meu favorito. Foi através do livro “Ou isto ou aquilo”, que tive meu primeiro contato com os poemas, e desde então não larguei mais, é o livro que mais tenho apego, no dia que o encontrei, fiquei muito emocionada.

Na roda de conversa me lembrei de uma frase do livro da Martha Medeiros, Divã: “Vida é memória. Dei pra pensar que tudo que há de mais vivo em mim foi aquilo que já se foi. As pessoas mais importantes foram as que ficaram.” Este encontro me fez refletir sobre nossa tendência de nos aproximar daquilo que temos alguma familiaridade. Ao ser apresentada às professoras que seriam nossas supervisoras nas escolas, percebi que já as conhecia, uma delas, por conta de minha mãe que trabalha no Estado e sempre me conta de suas visitas às instituições, o que gerou um maior brilho nos meus olhos.

Enquanto outra professora, ao falar sobre o projeto Cadinho de Prosa, que têm sido desenvolvido nas escolas da prefeitura, senti familiaridade porque tive a oportunidade de ajudar minha tia a montar as primeiras aulas para a turma dela, já que a mesma não tinha nenhum conhecimento sobre as ferramentas do computador. Tais experiências prévias estimularam meu desejo de participar e possibilitaram compreender a situação vivida pelas professoras durante o ensino remoto, me permitindo adquirir muitos conhecimentos.

Os próximos encontros proporcionaram muitos conhecimentos e experiências vivenciadas, através de *lives*, diálogos, leituras e estudo da BNCC. Infelizmente, o contato que tive mais diretamente com os alunos foi muito pouco, ficamos alguns dias no grupo do *WhatsApp* da turma matriculada na escola do estado de MG e pudemos acompanhar como foi o contato com a família e com os alunos, que ocorreu prioritariamente através de entregas dos materiais, os PETS (Programa de Ensino Tutorados) que foram apostilas disponibilizadas para que os alunos e os professores trabalhassem os conteúdos curriculares ao longo do

período de isolamento social . Percebemos que este material limitava muito o trabalho dos professores, pois apresentava conteúdos incompletos e repetitivos, além de impedir que os professores se dediquem a promover materiais interessantes para a turma, tendo em vista que toda sala tem sua singularidade, que precisa ser reconhecida e valorizada.

Durante essa experiência, realizei inúmeras reflexões com base na participação como bolsista do PIBID, pude reconhecer através de atividades realizadas com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a possibilidade de criar propostas e sequências didáticas muito interessantes, que infelizmente, nem sempre são colocadas em prática. Exemplos de competências que me chamaram atenção pelo seu caráter social e que são indispensáveis para sala de aula: A importância de trabalhar a Alteridade (9ª competência geral da Educação Básica); Alunos como Seres sociais e Históricos (6ª competência geral da Educação Básica); Importância da participação de todos e que a escola seja democrática (1ª competência geral da Educação Básica).

Através das vivências e discussões, pude entender que tudo que é trabalhado em sala de aula, precisa valorizar a autonomia das crianças, suas singularidades, a diversidade, incentivando o respeito ao próximo, a valorização das diferenças e a igualdade entre os alunos. Não deixando de lado suas histórias, suas vivências e seus interesses. A criança precisa ser reconhecida como sujeito central da aprendizagem, que por sua vez, precisa acontecer de maneira lúdica e respeitando o tempo de cada criança. Uma frase que me chamou extrema atenção na BNCC foi:

“Ao longo do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, a progressão do conhecimento ocorre pela consolidação das aprendizagens anteriores e pela ampliação das práticas de linguagem e da experiência estética e intercultural das crianças, considerando tanto seus interesses e suas expectativas, quanto o que ainda precisam aprender.” (BNCC, 2017, p. 59).

O que nós fazemos é pensar a forma que as aulas devem ser pensadas, entendendo a continuidade, questionando o que as crianças já conhecem e o que queremos que elas aprendam, para programar os conteúdos e a maneira com que estes são ensinados durante as aulas.

Além disso, o PIBID, se faz importante para a complementação de vários conceitos e teorias que tivemos contato em sala de aula, tenho certeza de que serão ainda mais enriquecedores quando tivermos a oportunidade de colocar em prática todos esses conhecimentos. O trabalho em grupo para criação de propostas de atividades também foi uma oportunidade muito boa, pois permitiu que expandisse nossos pensamentos, conhecesse melhor outras ideias. Pudemos ouvir novas opiniões, argumentar com o que não

concordávamos e entrar em consenso pelo bem maior, que no caso não era, mas poderia ser, nossos alunos. Isso permite refletir e entender que o papel do professor não é querer vantagens sobre outros professores, ou discutir quem está certo ou errado, e sim ouvir e buscar – juntos – uma solução e ideias para que a educação seja o mais positiva para os alunos.

Ao longo desse processo formativo, a oportunidade de apresentação, resumo e leitura deleite, permitiu uma maior participação nos encontros e permitindo atuar mais ativamente e desenvolver nossas funções com autonomia, apesar das limitações impostas pelas atividades ocorrerem no formato virtual. Mesmo sendo introspectiva, geralmente não falo, por ser bastante tímida, com essa proposta pude sair da minha zona de conforto e dialogar mais com as colegas e professoras.

DIÁLOGO COM OS AUTORES: ENCONTRO COM A TEORIA

O segundo ciclo de atividades do PIBID, produziu extremo envolvimento de todos os alunos, o que gerou inúmeros aprendizados e momentos memoráveis. As discussões de todos os encontros foram embasadas principalmente pelo livro: “Sistema de escrita Alfabética”, do Artur Gomes de Moraes. As reuniões foram organizadas da seguinte maneira: reunião de planejamento em que os bolsistas se reuniam com as professoras/supervisoras das escolas, para discutirem e ajudarem a preparar o encontro para discussão e apresentação das atividades desenvolvidas. Reunião com todos os participantes do PIBID, que consistia na apresentação de um capítulo do livro, por uma dupla ou trio, que mediava o encontro, trazendo discussões e questões a serem debatidas coletivamente.

Além disso, cada reunião era iniciada com a leitura da ata da reunião anterior e finalizada com uma leitura deleite para ampliar nosso repertório literário. A distribuição tanto em grupos, quanto em conteúdo e atividades fez com que pudéssemos ainda mais aproveitar cada encontro e participação de cada um de nós.

Antes de iniciar o seminário sobre o livro, discutimos sobre as concepções de infâncias e crianças, entendendo que elas não são sinônimas, e são vistas de maneiras diferentes pelas diversas culturas e em diversas épocas. Além disso, a importância do brincar, como forma de descoberta e interação da criança com o meio, que deve ser valorizada e incentivada pelos professores, a fim de promover um maior desenvolvimento da criança. Portanto, para esse encontro, chamamos atenção para duas palavras super importantes: PLURALIDADE e

BRINCAR. Ao final, eu e minha dupla fizemos a leitura de dois livros de leitura “O livro da Família” e “Histórias D’Roufi”.

Em outro momento tivemos a oportunidade de discutir sobre o fracasso da alfabetização e da utilização de diversos métodos para isso, trazendo o questionamento “Existe melhor método para alfabetização?”, eu respondi e continuo acreditando que não existe uma fórmula mágica e que o principal seria o alfabetizar letrando, assim como Magda Soares afirma.

Primeiro, é preciso lembrar que demos início também a produção de fichamentos referentes a cada capítulo, que eram entregues antes dos encontros. Ao longo dos encontros, buscamos compreender o Sistema de Escrita Alfabética (SEA), destacando questões como o realismo nominal, e a percepção inicial das crianças sobre as letras; a diversidade do ensino em diferentes culturas, como em alguns países que já não se usa mais a escrita palito nas escolas.

Ademais, percebemos que estar na fase alfabética, não significa ser alfabetizado, pois é preciso que a criança adquira certas habilidades, que são resultados da prática, por isso também se destaca a necessidade do letramento, pois é preciso que as crianças conheçam diversos materiais, para que sejam capazes de produzir diversos textos, com suas características e especificidades.

Em uma das atividades realizadas pelo grupo do qual participei, abordamos sobre consciência fonológica, que significa pensar e falar sobre a própria língua, como também analisar tamanhos, sílabas, semelhanças e diferenças entre as palavras. Através dessas interações em grupos, percebemos a importância de produzir atividades que sejam significativas aos alunos, como rimas, jogos, cantigas, que podem ser trabalhadas de diferentes formas e que geram interesse, permitindo inúmeras possibilidades para serem produzidas. Com base nesta experiência, fica evidenciado que os métodos, que implicam na memorização e repetição sobrecarregam excessivamente os alunos, não desenvolvendo as habilidades de forma positiva.

Durante as reuniões também promovemos duas atividades importantes para nossa formação. A primeira ocorreu durante todos nossos encontros, que é a produção de um glossário em conjunto, que facilitava a procura dos significados das palavras mais trabalhadas e/ou importantes sobre o assunto. A segunda atividade, que foi feita individualmente, foi a avaliação diagnóstica dos ditados feitos por alunos de uma das supervisoras. Tal atividade se constituiu em um momento riquíssimo, para treinarmos nosso olhar sobre as diversas fases da escrita alfabética, justificando nossas escolhas.

Avançando nos estudos sobre o SEA, demos conta de que o assunto central foi a importância da utilização da percepção construtivista, que valoriza o sujeito em suas singularidades e entende a necessidade de formação de um indivíduo crítico. Isso significa que a alfabetização se constitui em um processo que necessita respeitar o tempo do aluno e entender que não deve ocorrer de forma mecânica.

Para finalizar o trabalho com o livro, discutimos sobre como aperfeiçoar as habilidades de grafema e fonema. Lembrando sempre, que o ensino da ortografia não pode ser deixado de lado. Algumas atividades sugeridas pelo autor são: transformar palavras substituindo apenas uma letra: adicionando uma letra ou modificando sua posição. Fazer a classificação de palavras que apresentam grafemas semelhantes mas com som diferente e identificar palavras em um grupo que não pertence a mesma modalidade. Reorganizar as letras para formar palavras.

Por último, como realizar as avaliações dos alunos? Primeiro, as palavras utilizadas no ditado devem ser conhecidas e não memorizada, as palavras devem conter variado número de sílabas e de letras, a pronúncia do ditado deve ser feita de forma natural e ao terminar deve solicitar que o aluno faça a leitura do que foi escrito, sinalizando com o dedo.

VIVENCIANDO A PRÁTICA

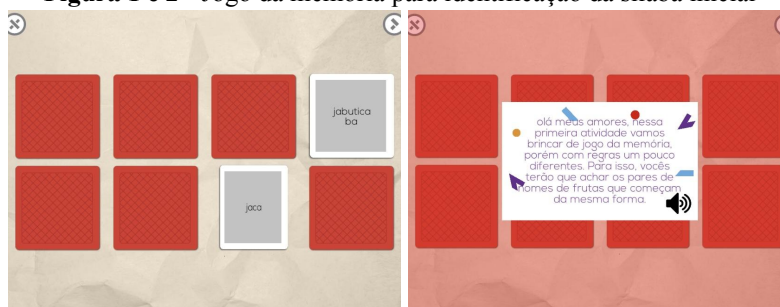
O terceiro e último ciclo do PIBID foi iniciado com a produção dos jogos para a alfabetização. Nesse momento, cada bolsista produziu um jogo que foi compartilhado e jogado com todos. Para criar o material, optei por utilizar o Make it, um aplicativo online que apresenta diversos modelos de atividades, além de ferramentas que permite adicionar fotos e áudios. A escolha de usar um aplicativo, que pode ser acessado do celular e do computador, leva em consideração a realidade daquele momento, em que devido a pandemia, todas as atividades estavam acontecendo de maneira remota e utilizando da tecnologia.

Outro quesito avaliado antes da produção, foi a necessidade de inserir um áudio com a narração das atividades, a fim de que os alunos tenham mais facilidade ao realizar os jogos, e não dependam de outra pessoa para fazer a narração, visto que eles ainda estão no processo de alfabetização. Além disso, durante a produção, pontuei a necessidade de produzir atividades focadas nos diferentes níveis de escrita.

A seguir, apresento três das atividades presentes no jogo produzido.



Figura 1 e 2 - Jogo da memória para identificação da sílaba inicial



Fonte: Jogo criado pela autora no aplicativo “Make it”

Figura 3 e 4 - Identificação das palavras com a mesma quantidade de letras



Fonte: Jogo criado pela autora no aplicativo “Make it”

Figura 5 e 6 - Identificação das palavras com a mesma quantidade de sílabas



Fonte: Jogo criado pela autora no aplicativo “Make it”

Nos encontros seguintes, produzimos fichamentos dos capítulos que realizamos a leitura do livro Alfabetrar da Magda Soares. Ao iniciar o texto a autora já apresenta seu primeiro questionamento “atingiu a democratização da educação?” A resposta é não. Apesar da taxa de escolarização ter aumentado nos últimos anos, o número de alfabetizados ainda é muito baixo. Pois o ensino de boa parte das escolas públicas não é de qualidade.

Além disso, muitos ainda são considerados analfabetos funcionais, ou seja, têm dificuldade de utilizar a leitura e a escrita em situações cotidianas, como ler a bula, uma receita. Isso é característico do ensino através dos métodos tradicionais de alfabetização que, como lido no livro do Arthur Morais, é exaustivo para criança e é um processo que não gera muitos resultados. O que se dá pelo fato de “a alfabetização não é a aprendizagem de um código, mas a aprendizagem de um sistema de representação” (SOARES,2021, p.11)



A autora destaca que o ensino deve ocorrer de forma lúdica e interessante a criança. Outro ponto é entender que a alfabetização e letramento não são sinônimos e que os dois processos se articulam juntos, não devendo ocorrer de forma distinta. A aprendizagem da língua escrita é composta por três camadas: Aprender o sistema de escrita alfabética, ler e escrever textos: uso da escrita e contextos culturais e sociais para o uso da escrita. Na minha percepção o letramento ocorre quando se utiliza da terceira camada para se ensinar a primeira e a segunda.

Para entendermos a alfabetização e o letramento precisamos compreender sua origem e função: a escrita surgiu para resolver uma demanda social. Que se iniciou com a expansão da economia. Porém, ainda existem grupos que não utilizam da escrita (agrafos), isso acontece pois ainda não tiveram essa necessidade em seus contextos políticos, culturais e econômicos;

Algumas atividades usadas por nós atualmente poderiam ocorrer sem o uso da escrita, como alguns trabalhos acadêmicos que poderiam ser apresentados e avaliados de forma oral, porém, com toda certeza a escrita facilita todo acesso a aprendizagem e comunicação, já que permite a retomada a qualquer hora no conteúdo.

A alfabetização é um processo de apropriação da língua escrita, aprendendo suas convenções e adquirindo a habilidade de escrever e ler. Porém é uma atividade finita. Já o letramento é uma atividade constante, que implica em inserir o uso da escrita e da leitura nas práticas sociais.

Para desenvolver as atividades de letramento sem ser lendo, interpretando e escrevendo os textos, o texto, ou seja a forma pela qual a língua tem a função de comunicação e interação, vai ser sempre o eixo central do processo de alfabetização. Magda Soares (2021) compara a alfabetização e o letramento a peças de quebra cabeça, pois as peças só fazem sentido quando associadas às outras.

Para alfabetizar letrando é necessário que se compreenda: os processos de aquisição da leitura e da escrita que são complexos, que envolvem habilidades cognitivas e linguística; os processos de produção textual, e conhecimentos específicos acerca deles.

Na sala de aula o eixo principal deve ser sempre o texto; deve-se planejar as atividades de acordo com o nível linguístico que as crianças estão; pensar o que deseja ser desenvolvido com a atividade; e identificar questões como: palavras desconhecidas pelas crianças para apresentar seus significados.

Cabe a nós, como professores, trabalharmos também a leitura de textos visuais, para promover outros tipos de letramentos. Além de relacionar como se fazem presentes em outras

disciplinas, como nas operações em matemática, nos mapas, na geografia etc.

Adiante, a autora vai apresentar a teoria de Vygotsky e explicar a Zona de desenvolvimento potencial, ou seja, o que a criança é capaz de fazer com ajuda. conhecer esse conceito é de suma importância para que o professor saiba onde atuar e como atuar de forma a auxiliar no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança;

Nesse sentido Emília Ferreiro, construiu a teoria da psicogênese da escrita. Com elas é possível identificar a fase de escrita alfabética que a criança se encontra, para saber o que ela faz sem ajuda, o que ela não faz e o que ela faz com ajuda. Para isso, vemos a importância dos ditados diagnósticos, que auxiliam e possibilitam o entendimento da fase que a criança se encontra. A autora também apresenta em seu livro a explicação de cada fase da escrita e qual as melhores atividades para serem trabalhadas em cada fase.

Em relação à leitura e escrita no processo de alfabetização e letramento, ambas são essenciais para o avanço das crianças, não devendo ser aleatórios, qualquer leitura ou produção da criança deve ser planejada, a escolha dos textos deve ser tal que o conteúdo apresentado faça sentido para a criança. Pois não adianta trazer algo que ela não terá interesse em produzir.

Para finalizar o livro, Soares (2021) explica que o texto é um canal de interação entre quem o produz e quem o lê. Por isso, para a escolha de gêneros que serão trabalhados com as crianças é preciso analisar o contexto cultural, social e por assim vai da criança.

É preciso fazer com que a criança saia do campo da percepção e vá para o campo da compreensão. Sendo que compreender textos é entender o que está escrito e quais são os significados das palavras; Já interpretar textos leva em consideração estabelecer relações entre fatos e ideias subentendidos enquanto o mesmo é lido.

Por último, produzimos uma sequência didática em pequenos grupos, a, o qual foi apresentado no VII Seminário de Iniciação à Docência. Apesar da pandemia ter sido um período difícil para as atividades de prática. Esse momento permitiu uma inserção mais intensa em experiências formativas diversas, como as rodas de conversas. Dessa forma, foi possível adquirir os conhecimentos, mesmo com a realidade vivenciada.

*“Ensinar não é transferir conhecimento, mas
criar as possibilidades para a sua própria
produção ou a sua construção.”
Paulo Freire*

O objetivo de refletir sobre as experiências vividas por mim, ao longo desses 18 meses, possibilitou tecer considerações acerca de novas práticas alfabetizadoras que podem ser inseridas em nossa rotina. Para tal, um dos possíveis temas de trabalho se trata da produção e apresentação dessas diversas atividades que podem produzir uma gama de possibilidades para serem desenvolvidas com base inicial nesse trabalho, por exemplo a produção e exposição de materiais diversos para serem trabalhados em sala de aula. Como por exemplo, a produção de jogo online com objetivos voltados ao processo de alfabetização.

Desenvolver esse trabalho como um todo, permitiu que eu me envolvesse em uma área, até então não muito interessada por mim, visto que não tive muitas experiências positivas na minha educação. Porém, é possível, que com esse trabalho, eu e outras educadoras possamos repensar nosso método de trabalho e permitir que as vivências das crianças sejam marcadas de forma positiva.

Durante a preparação para o ENEM, em 2018, conheci a famosa frase do Kant: “O ser humano é aquilo que a educação faz dele”. Essa citação me marcou de tal forma, que decidi optar pela área da educação. Hoje, concluindo esse relato de experiência tenho a certeza de sua concretude. Eu poderia continuar replicando situações desagradáveis, que vivi ao longo da minha alfabetização. Mas ter tido a oportunidade de, no curso, conhecer através da educação outras formas de pensar e agir, possibilitou minha mudança. Afinal, como afirma Paulo Freire, aprender é um ato revolucionário.

REFERÊNCIAS:

MORAIS, Artur Gomes. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

OLIVEIRA, Luana Moreira; BARBOSA, Mayara Iakowsky. O PIBID em tempos de Pandemia:: uma perspectiva de pibidianos em meio remoto. **Encontro Gaúcho de Educação Matemática**, 21 jul. 2021.

SÁ, Dominichi Miranda de. Especial Covid-19: Os historiadores e a pandemia. **Fundação Oswaldo Cruz**, 18 set. 2020. Disponível em: <http://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1853-especial-covid-19-os-historiadores-e-a-pandemia.html>. Acesso em: 25 jan. 2022.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. 1 ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.